

Circular n.º 26/10

Assunto: Série Pensar e Agir – Nº 01 – Ano XII

Data: 09/04/2010



**Educação com amor.
E assim que se faz...**

Srs. Pais,

Educar é mesmo uma tarefa complexa, não é?

A cada instante nos deparamos com modismos ou situações inesperadas que redobram a nossa preocupação em relação ao comportamento das crianças e jovens.

Desta vez a nossa atenção se volta para as chamadas “**pulseirinhas do sexo**”, cujas cores representam ligações afetivas que podem variar de um simples abraço a um relacionamento mais íntimo.

Segundo a simbologia, a brincadeira se inicia quando uma pulseirinha é puxada e arrebatada do braço de quem a usa, por um colega ou alguém que deseja estabelecer o relacionamento que a cor insinua.

Aí é que mora o perigo.

Por incrível que pareça, as tais pulseirinhas de silicone coloridas já estão virando febre entre a meninada.

E é justamente por isso que estamos enviando-lhes esta série “Pensar e Agir.”

O que fazer?

Proibir o uso por proibir, sem uma explicação coerente, talvez não seja o mais produtivo. Há crianças que as usam por achar bonito, desconhecendo ainda a conotação criada para as cores, pois virou moda.

O ideal seria que pais e educadores esclarecessem aos filhos e alunos a simbologia que o adereço passou a ter, possibilitando uma reflexão que leve a criança ou o jovem a sentir-se invadido em sua privacidade caso algum colega ou outra pessoa queira colocar em prática a brincadeira.

É certo que a simbologia faz parte da nossa vida mas, no caso, é preciso desmobilizar tal ação: “Não são pulseirinhas que vão mudar a nossa maneira de ser e agir”. E que fique bem claro: a brincadeira extrapola as regras de convivência e portanto merece um “chega pra lá”, “estou fora”. Não vale a pena entrar na onda das pulseirinhas.

Recentemente, a mídia divulgou um caso ocorrido com uma adolescente de 13 anos, da cidade de Londrina no Paraná, que foi seguida por quatro rapazes e violentada de acordo com o ritual do adereço.

Então, não dá para deixar de abordar o assunto com urgência.

Mostre ao adolescente que o uso pode ser mal interpretado como alguém que deseja a brincadeira, o que pode trazer-lhe o risco de ser violentado ou molestado por pessoas maliciosas e inescrupulosas.

Outra explicação também aceitável é: nem tudo que é moda, que é lançado no mercado, precisamos ter principalmente se for contra a nossa integridade física e moral.

É bem verdade que o adolescente é imediatista, aceita com facilidade aquilo que os demais colegas estão fazendo ou usando até mesmo para ser aceito pelo grupo. Porém, seguir o grupo por medo de exclusão pode ser uma fragilidade perigosa.

Daí a interferência dos pais e educadores. Dialogar sobre o tema em questão. Que as consequências da adesão sejam bem definidas e firmes chegando-se à conclusão de que não permitiremos, em hipótese alguma, que eles (nossos filhos e educandos) sejam vítimas das pulseirinhas. E que saibam dizer NÃO a situações como essa de total desrespeito ao ser humano.

Lúcia Gomes de Paula

Psicopedagoga, Orientadora e

Supervisora Educacional do Colégio ICJ

***“Todos juntos somos fortes
Somos flecha e somos arcos
Todos nós no mesmo barco
Não há nada pra temer.”***

(Chico Buarque de Holanda)